

Deus Senciente: o lugar de Xavier Zubiri na filosofia da religião*

Vitor Chaves de Souza*
Tommy Akira Goto*

Resumo

O artigo propõe um lugar para Xavier Zubiri na filosofia da religião tendo o tema de Deus como o centro da reflexão. Analisa-se, num primeiro momento, a fundamentação filosófica no autor, distinguindo os limites de sua fenomenologia, a opção por uma metafísica e o trabalho acerca da religião. Posteriormente, aprofunda-se, segundo os conceitos-chaves do autor e a filosofia da inteligência, o problema de Deus e as implicações de tal problema para a verdade religiosa. Por fim, a pesquisa interage a filosofia zuberiana com a tradição filosófica do século XX acerca da religião e questiona a originalidade de Zubiri para tal tradição, a saber, a primazia da realidade, as categorias ontológicas da religião e o exame filosófico da religião pela questão do ser pelo poder de realidade.

Palavras-chave: Xavier Zubiri; Deus; religião; inteligência senciente; filosofia da religião.

-
- * Este trabalho é fruto de pesquisa pós-doutoral em realização na Universidade Federal de Uberlândia, sob a supervisão do professor doutor Tommy Akira Goto.
- ** Pós-Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutor em Ciências da Religião, bacharel em Teologia e licenciado em Letras pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente permanente na Pós-Graduação em Ciências da Religião e professor colaborador na Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo. Coordenador do grupo de pesquisa *Hermeneia — Filosofia Hermenêutica da Religião*. Editor da revista *Estudos de Religião*. Membro de honra do *Centro de Estudos Medievais - Oriente e Ocidente*, CEMOROC - USP.
- *** Professor Adjunto IV da Pós-Graduação em Filosofia e da Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência pela PUC-Campinas (2007), Mestre em Filosofia e Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2002) e Graduado em Psicologia pela Universidade São Marcos (1998). Membro do GT de Fenomenologia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF); Membro do GT de “Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). É vice-presidente fundador da Associação Brasileira de Psicologia Fenomenológica (ABRAPFE), Membro-colaborador do Círculo Latinoamericano de Fenomenologia (CLAFEN) e Membro-assistente da Sociedad Iberoamericana de Estudios Heideggerianos SIEH e membro da Asociación Latinoamericana de Psicología Existencial (ALPE). Email: tommy@ufu.br

Sentient god: a place for Xavier Zubirin in philosophy of religion

Abstract

This article proposes a place for Xavier Zubiri in the philosophy of religion having the theme of God as the center of reflection. At first, the philosophical foundation in the author is analyzed, distinguishing the limits of his phenomenology, the option for a metaphysics and the work on relegation. After that, according to the author's key concepts and the philosophy of intelligence, the problem of God and its implications for religious truth are deepened. Finally, the research interacts Zuberian philosophy with the 20th century philosophical tradition about religion and questions the originality of Zubiri for such a tradition, namely, the primacy of reality, the ontological categories of religion and the philosophical examination of religion on the question of being by the power of reality.

Keywords: Xavier Zubiri; God; relegation; sentient intelligence; philosophy of religion.

Dios sentiente: el lugar de Xavier Zubiri en la filosofía de la religión

Resumen

El artículo propone un lugar para Xavier Zubiri en la filosofía de la religión con el tema de Dios como centro de reflexión. Al principio, se analiza el fundamento filosófico del autor, distinguiendo los límites de su fenomenología, la opción de una metafísica y el trabajo de relegación. Posteriormente, de acuerdo con los conceptos clave del autor y la filosofía de la inteligencia, se profundiza el problema de Dios y las implicaciones de dicho problema para la verdad religiosa. Finalmente, la investigación interactúa la filosofía zubiana con la tradición filosófica del siglo XX sobre la religión y cuestiona la originalidad de Zubiri para tal tradición, a saber, la primacía de la realidad, las categorías ontológicas de la religión y el examen filosófico de la religión por la cuestión del ser por el poder de la realidad.

Palabras llave: Xavier Zubiri; Dios; religación; inteligencia sensible; Filosofía de la religión.

Introdução

Qual o lugar de Deus na filosofia da religião? Segundo Xavier Zubiri, uma das questões mais originais – e centrais – da filosofia é o *problema de Deus na vida humana*. O filósofo espanhol, discípulo de José Ortega y Gasset, colega de Julián Marías, e, na fenomenologia, aluno de Edmund Husserl e Martin Heidegger, propõe um tratado de inteligência sentiente para a investigação de temas fundamentais como a realidade e os fenômenos da natureza. Interessa a esta pesquisa o recorte fenomenológico na realidade. Com um “materialismo realista”, o pensamento de Zubiri acerca de Deus foi desenvolvido em 1935¹ tratando do problema da experiência e do acesso de Deus. O

¹ Na obra: ZUBIRI, Xavier. *Natureza, História, Deus*. São Paulo: É Realizações, 2010. Para trabalhos dedicados ao acesso e experiência de Deus em Zubiri, cf. BELLO, Joathas Soares.

tema da religião sempre esteve presente em seu pensamento (Cf. CESCÓN, 2003), mas foi com a sua teoria da *inteligência senciente* que a questão tomou proporção e originalidade: o saber é possível no real por intermédio de uma inteligência senciente. Sentimento e intelecção não são dissociados, pois, sendo o sentir um processo senciente, trata-se a rigor de dois momentos de um único ato de apreensão. (Cf. TEJADA, 2011, p. XIX.) Isto, para Zubiri, é a ideia da inteligência senciente. E é a partir desta ideia de inteligência que o ser humano enfrenta as coisas como realidades. O objetivo da pesquisa, portanto, é averiguar a extensão de tal filosofia como método para a pesquisa em filosofia da religião tendo na questão de Deus o seu assunto mais original. Para isso, propõe-se a análise do capítulo “Em torno do problema de Deus” em sua obra-prima *Natureza, História e Deus*, tendo como base metodológica o referencial de seus principais leitores bem como o diálogo com a trilogia *Inteligência e Realidade*, *Inteligência e Logos* e *Inteligência e Razão*, para a intelecção do poder da realidade e Deus a realidade fundamental – *realitas fundamentalis* – na metafísica de Xavier Zubiri.

I. Fundamentos e contextos

Xavier Zubiri (1898-1983) foi um filósofo espanhol que, devido suas viagens e pesquisas, conviveu com renomados pensadores, incluindo Edmund Husserl (1859-1938) e Martin Heidegger (1889-1976)². Além dos dois maiores expoentes da fenomenologia do século XX, Zubiri foi, também, aluno dos cientistas Albert Einstein (1879-1955) e Erwin Schrödinger (1887-1961). O círculo acadêmico é vasto e variado. Interessam-nos, a rigor, as suas preocupações espirais filosóficas, a referência fenomenológica inicial e o seu pensamento voltado aos conceitos de homem, realidade e Deus – este último em especial.³ Diante da tendência vigente ao nivelamento entre filosofia e ciência, Zubiri empenhou-se na construção de um sistema filosófico cuja base estaria na compreensão do ser humano em seu estatuto ontológico como tal. Para isso, situou a realidade e a religião no interior da linguagem filosófica, de modo que tal situação pudesse, a seu ver, superar as demais alternativas no cenário filosófico. Segundo Antonio Vidal Nunes, Zubiri “estabeleceu

“A relação do homem a Deus em Xavier Zubiri e Tomás de Aquino”. In: *Coletânea*. Rio de Janeiro, Ano XII, Fascículo 24, pp. 234-252 Jul./Dez. 2013; CESCÓN, Everaldo. “O problema de Deus e do seu acesso e a experiência de Deus”. In: *Teología y Vida*, Vol. XLIV (2003), pp. 373-394; CRUZ, Jesús Sáez. *La accesibilidad de Dios: Su mundanidad y transcendencia en Xavier Zubiri*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 1995; e GARCÍA, Juan José. *Inteligencia sentiente, reidad, Dios: nociones fundamentales en la filosofía de Zubiri*. Cuadernos de pensamiento español, nº 30 (2006).

² A quem se interessar sobre a vida de Zubiri, cf. ZUBIRI, Carmem Castro. *Biografia de Xavier Zubiri*. Málaga: Ediciones Edinford, 1992.

³ Esta delimitação inicial acompanha a orientação didática de: TEJADA, 2011, pp. XXXIV-XXXV.

um novo horizonte de compreensibilidade do fenômeno religioso, no qual o legado herdado sofre uma ação crítica ao cabo da qual delineia uma nova orientação” (NUNES, 2013, p. 89). Fez-se notar, orientado pela intuição de um novo horizonte de compreensibilidade do fenômeno religioso, uma perspectiva original na compreensão do problema de Deus na tradição fenomenológica – que, posteriormente, abarcará nas intuições zubirianas a respeito da tensão teologal, a manifestação de Deus como fundamento e o transcendente na filosofia senciente. Nesta perspectiva fundamenta-se o interesse da pesquisa.

Uma fundamentação teórica não é apenas a explicação resumida ou esquemática das principais ideias de uma proposta de pesquisa, menos ainda apenas hipóteses ou objetivos bem organizados. É, além disso, o entrelaçamento de um método com uma ideia que pretende lançar luz em originalidades. Nesse sentido, a fenomenologia apresenta um método em muitas versões. Desde o seu nascedouro, com Edmund Husserl, a fenomenologia revelou questionamentos próprios em áreas distintas. Um início plural (física, matemática), com motivações diversas (lógica, psicologismo) e orientações singulares (epistemologia, ciência), fundo religioso (transcendental), o princípio das circunstâncias originou um pensamento autêntico sobre a existência em resposta ao empirismo e o distanciamento das ciências dos eventos vitais. O ponto de partida, comum à maioria dos fenomenólogos, é o reconhecimento da estrutura intencional da consciência. O ato intencional, diferente da consciência entendida na atitude natural, denota a nossa relação direta – mas não previsível – sem intermediários mentais (representações), com as coisas mesmas, intuídas. Esse ponto de partida revela a característica essencial da subjetividade e seus atos de conhecer. A ciência acontece por processos de ideação e objetivação, tendo a sua origem em *atos intencionais* – ou atos que fazem da experiência conteúdos inteligentes: pode-se reter aqui a crítica zubiriana de uma ruptura com a ideia da objetividade racionalista ou idealista. A seu ver, a fenomenologia possibilitaria um horizonte (aberto por M. Heidegger), na história da filosofia, passando por uma ontologia e alcançando uma metafísica. Em suma, a fenomenologia possibilitará, a rigor, a raiz e a conceituação da consciência.

A fenomenologia, enquanto fundamentação teórica, interessa-se pelo evento das coisas da vida. Não por acaso Zubiri coloca o tema da *realidade*, o evento filosoficamente mais urgente, segundo a radicalização do nível pré-lógico, ao centro de sua filosofia como procedimento metodológico: *a*

realidade é tanto o fundamento quanto o pressuposto para o desenvolvimento filosófico. A saber, “a realidade é o caráter formal – a formalidade – segundo o qual o apreendido é algo ‘em próprio’, algo ‘de seu’”(ZUBIRI, 2011, p. Iii). Inteligência e realidade são congêneres em sua raiz própria. Não por acaso Zubiri parte da fenomenologia: ao envolver inteligência e realidade para além da dicotomia realismo e idealismo, ele tenta superar o subjetivismo reinante na modernidade e o realismo ingênuo da filosofia clássica (Cf. GARCÍA, 2006, p. 43). Entretanto, Zubiri supera a escola fenomenológica: para alguns, como Antonio Pintor Ramos, Zubiri não termina na fenomenologia e nem se compromete a desenvolver seu trabalho como fenomenologia.⁴ Há, em primeiro lugar, um *poder do real* determinante para o início do ato filosófico. Tal fundamentação já se encontra em sua tese doutoral, *Ensayo de una Teoría fenomenológica del Juicio*, defendida em 1921, e repercute a teoria da realidade formadora de mundos pelos atos sensoriais. A análise da realidade humana se apresenta como uma essência aberta, com a tarefa de “fazer a si mesmo”, envolvendo inteligência, sentimento e vontade no poder de realidade. Dito isto, é importante frisar o movimento zubiriano das tradições filosóficas – a saber, a própria fenomenologia, como tendência de seu tempo – para uma metafísica original e atual.

II. Da fenomenologia para a metafísica da religião

Não por acaso Zubiri deixa a fenomenologia. Ele não renega a objetividade husserliana ingenuamente. A objetividade é, inicialmente, aberta pelo distanciamento e separação do sujeito na constituição do objeto. O ideal de objetividade é definido pelo “fato” ou “objeto” que se impõe ao sujeito pela pura racionalidade do fato. O sujeito deve, no movimento do distanciamento, esconder-se e desaparecer para permanecer os fatos apenas. Para tanto, Husserl concebeu a fenomenologia como a ciência das ciências: um método rigoroso que asseguraria os fundamentos filosóficos necessários para a investigação científica ser possível e produtiva a respeito do objetivismo (Cf. HUSSERL, 1965, pp. 71-72). Segundo o método fenomenológico, “subjetividade” não significa cancelamento de “objetividade”. Na fenomenologia a objetividade nasce da subjetividade. A objetividade e a subjetividade estão entrelaçadas e a compreensão do sentido de uma só é possível pela compreensão da outra; a fenomenologia

⁴ Para mais informações sobre esta superação, cf. as obras *Realidad y verdad*, de Antonio Pintor Ramos, e *Voluntad de verdad*, de Diego Gracia.

aponta para uma objetividade da subjetividade humana na fenomenologia. Assim a fenomenologia torna-se a ciência da subjetividade e o método que a possibilita: a ciência que mostra a objetivação do sujeito mesmo. A objetivação do sujeito que conhece, pelo método fenomenológico, é o caminho para compreender as outras objetividades constituídas pelo sujeito e as outras objetividades reveladas pela ciência empírica. Em síntese, a fenomenologia é um método que busca conhecer o sujeito que faz a ciência e o sujeito para quem a ciência é feita. Entretanto, para Zubiri, a fenomenologia em si não daria conta da realidade. Influenciado por Heidegger, Zubiri assume “a constituição de um âmbito filosófico de caráter ontológico” (Cf. ZUBIRI, 2010, p. 24). Em outras palavras, Zubiri procura transformar a fenomenologia para além da consciência, de J. Ortega y Gasset, e da compreensão do ser, de Heidegger (Cf. CONILL SANCHO In: SAN MARTÍN, 1992, pp. 297-312).

De fato, a fenomenologia de Zubiri se distancia do projeto idealista de Husserl em direção à radicalidade da realidade⁵, na qual a razão opera num nível elementar. Zubiri buscou superar o realismo tradicional e o idealismo moderno. O início fenomenológico, marcado pela sua tese doutoral, desenvolvido ao longo de sua carreira, reforçaram os conceitos fenomenológicos mais elementares, como o retorno às coisas mesmas, o mundo da vida, a descrição imediata do ato de pensar. Entretanto, o ponto de virada encontra-se na estrutura entitativa, na qual Zubiri, conforme a primeira parte de *Natureza, História, Deus*, desvia a fenomenologia objetivista para a ontologia (Cf. ZUBIRI, 2010, p. 51). A virada ontológica possibilita o recorte didático em sua segunda fase⁶, ampliando, por fim, a fundamentação teórica para a sua terceira fase na mais aclamada trilogia da *inteligência senciente*. Nela, Zubiri desenvolve as três instâncias de seu método – realidade, logos e razão – sendo este percurso para o homem, mediante o ato de inteligência, o meio de apreensão de algo como real. A apreensão é o meio pelo qual a pessoa se insere na realidade. Trata-se de uma opção ao mesmo tempo forte e crítica em seu método: a sua análise fenomenológica não se voltaria, ao final, para o tema do sentido sensível, como o fez M. Merleau-Ponty, pois

5 Para mais informações a respeito da bifurcação dos caminhos entre Husserl e Zubiri no método fenomenológico, cf. RAMOS, Antonio Pintor. “En las fronteras de la Fenomenología: la noología de Zubiri”, In: *Cuadernos Salmantinos de Filosofía*, 21, 1994, pp. 245-284; id., “Zubiri y la fenomenología”, In: *Realitas III-IV*, Madrid, 1979, pp. 389-565.

6 Segundo Juan Jose García, a fase contempla os anos 1931 e 1944, época na qual nasceu *Natureza, História e Deus*. (Cf. GARCÍA, 2006, p. 18)

o realismo, opção motivada pelo seu tomismo, operaria na mais elevada erudição. No prefácio de *Inteligência e Realidade* Zubiri declarou: “Penso que inteligir consiste formalmente em apreender o real como real, e que sentir é aprender o real em impressões” (ZUBIRI, 2011c, p. Iiii). E na conclusão de *Inteligência e Logos*, Zubiri conclui tal diferenciação reforçando o carácter do sensível do carácter da apreensão – sendo esta última, a apreensão, a percepção fenomenológica que retém o real.⁷

A discussão do ser é colocada ao centro pela apreensão da realidade e, principalmente, da deidade⁸, como não distintas do mundo e das coisas reais. Tal opção reforça a formalidade de realidade, i.e., a coisa apreendida na apreensão como o dado de real de “em próprio”. A realidade das coisas implica uma condição de poder sobre si-mesmas e sobre as demais coisas, como também sobre o homem e vice-versa. O poder do real é a condição da realidade. Não se trata unicamente de um carácter ou de um perfil diferenciado de outras abordagens fenomenológicas: segundo Diego Gracia, a filosofia de Zubiri surge não como um confronto ao sistema aristotélico de natureza, mas como uma resposta fenomenológica ao sentido da realidade.⁹ Isto significa, portanto, uma redução da realidade ao significado. Em outras palavras, ao invés do ser se direccionar às coisas com a objetividade intencional fenomenológica, antes de tudo haveria uma atualidade da própria coisa circunscrita na realidade – conferindo, assim, um poder do real, autônomo e ratificado.

Em suma, para Zubiri, aquilo pelo qual denomina-se de deidade está inscrito nas próprias coisas, pelo o quê elas são em si-mesmas – e, por isso, são ao mesmo tempo reais e deidéticas (ZUBIRI, 1994, p. 44). O acesso à realidade se dá pelas sensações (Cf. ZUBIRI, 2011c, pp. 98-102), que relaciona diretamente o intelectual ao sensorial, formando uma nova abordagem de reflexão, inicialmente fenomenológica, pelo cruzamento (e soberania) do sensorial no acesso do conhecimento. Tal é a via que possibilita o momento noergético da apreensão cognitiva: a atração da realidade como uma força, uma força última, possibilitante e motivante. Segundo Zubiri, em sua obra *El hombre y Dios*, “a força do real é o fundamento que funda dominando-

⁷ A respeito da reabilitação da sensibilidade em Zubiri (cf. MINEIRO, 2018, 375pp.)

⁸ A busca por um fundamento de realidade situado na relação do sujeito com Deus. O tema será abordado nas próximas seções do texto.

⁹ A este respeito indicamos a leitura do texto “Xavier Zubiri (1898-1983)”, de Diego Gracia, in: SECRETAN, Philibert (Org.). *Introdução ao Pensamento de Xavier Zubiri (1898-1983)* - Por uma filosofia da realidade. São Paulo: É Realizações, 2014.

me [...] A dominação se efetua, por conseguinte, de maneira tal, que somos ligados à força do real, mas a fim de que sejamos relativamente absolutos. Esse vínculo é uma ‘religação’”(ZUBIRI, 2012b, p. 82).

III. Da religação

Dos conceitos básicos da filosofia de Zubiri, a saber, realidade, apreensão, substantividade, atualidade e religação, interessa-nos, a rigor, mais do que a superação metafísica da fenomenologia em Zubiri¹⁰, a compreensão das implicações da *religação* para pensar o tema de Deus como contribuição à filosofia da religião e um lugar original para Zubiri neste campo do conhecimento filosófico. Segundo Zubiri,

o desarraigamento da inteligência atual não é mais que um aspecto do desarraigamento da existência inteira. Só o que torne a fazer arraigar a existência em sua primigênia raiz pode restabelecer com plenitude o nobre exercício da vida intelectual. Já desde muito tempo esse arraigamento da existência tem um nome preciso: chama-se *religação* ou religião. (ZUBIRI, 2010, p. 61)

Embora o poder do real seja uma das categorias mais importantes da filosofia de Zubiri – como também importa o percurso e o fundamento desenvolvido na trilogia sobre a realidade, a razão e o logos em diálogo com a inteligência –, é apropriado avançar para a religação, a despeito da extensão à inteligência senciente, como movimento didático para se compreender a própria realidade. Afinal, a religação, em Zubiri, apresenta-se como uma estrutura humana com a qual o ser humano é *re-ligado* justamente ao real e, especificamente, ao *poder do real*, não rejeitado na existência.

O homem não é apenas um nada sem as coisas, pois ele precisa ser feito sozinho. Não lhe é suficiente fazer-se com poder e ter, afinal ele precisa do impulso a ser feito. E esse impulso é uma versão intrínseca e formal do poder do real. O homem não é uma realidade pessoal, mas aguarda o poder do real [...]. Essa peculiar ligadura é apenas religação. (ZUBIRI, 2012b, p. 92)

A existência humana, deste modo, assim como experimentada na realidade, é entendida como uma religação com a profundidade humana. A

¹⁰ Para mais informações sobre a fenomenologia que se desdobra em uma filosofia e culmina em uma metafísica, cf. a abertura de *Natureza, História, Deus*: “Desde 1944 a minha reflexão constitui uma nova etapa: a etapa rigorosamente metafísica” (p. 28).

profundidade implica precisão e medição ao buscar o fundamento da realidade independente de sua natureza. Em *El Hombre y Dios* Zubiri elabora a *via da religião* assumindo a religião como um fato ao mesmo tempo básico e também radical para a inteligência senciente (ZUBIRI, 2012b, pp. 128-132). Na análise histórica, há a experiência da religião ao lado da necessidade do estudo das possibilidades do real. Sendo o real a captura de fato do que é, pode-se falar de um estado primordial da realidade, acessível pelos sentidos humanos, que é o estado da religião: o problema fundamental de todo o ser. Entretanto, a filosofia baixou a realidade divina ao nível do ente e, segundo Gracia, subordinou, de certo modo, todo saber à lógica. “A ‘via da religião não constitui a prova ‘de que há Deus, mas de que algo do que há realmente é Deus’” (ZUBIRI *apud* CESCÓN, 2007, p. 115). Deste modo, o *acesso a Deus* faz-se em um fato, deixando de lado as discussões da existência de Deus, uma vez que a experiência com Deus permite, segundo Zubiri, a ideia de Deus como a *realidade fundamental*.¹¹ Torna-se imperativo à reflexão de Deus o movimento da religião, pois “a ‘religião’ não nos abre caminho para uma ‘realidade de objeto’ chamado Deus, mas para essa ‘realidade fundamental’ intramundana, para a ‘divindade’ que é a ‘força do real’” (GRACIA In: SECRETAN, 2014, p. 31). O conhecimento – um dos assuntos mais caros a Zubiri –, portanto, realiza-se na relação do que é vivido e sentido na força do real. A religião participa da realidade e a reforça pelo seu fundamento último: “Quando a razão especulativa se pôs a especular e a teorizar acerca de Deus, os homens já estavam vertidos com antecipação intelectual para Deus” (ZUBIRI, 2010, p. 391). A busca por um fundamento de realidade situado na relação do sujeito com Deus é o que Zubiri chama de *deidade*.

Por *deidade* Zubiri procura desvincular a noção tradicional de Deus da filosofia da inteligência. “*Deidade não é Deus*”¹². A *deidade* é a via de acesso a Deus. Dito isto, o conceito da *deidade* ajuda a pensar em Deus além de uma entidade¹³, num primeiro momento – a entidade histórica identificada no pensamento dos filósofos como um sujeito –, em direção à realidade – o poder do real – e sua força de religião, num segundo momento. Segundo Zubiri, “em última instância o ser humano sempre terá tido como um poder

¹¹ *Realitas fundamentalis*, (In: ZUBIRI, 2012b, p. 326).

¹² “*Deidad no es Dios*”. (ZUBIRI, 1994, p. 43).

¹³ “Sin embargo, este poder de lo real, al que Zubiri llama “*deidad*”, no se identifica en primera instancia con Dios. No es Dios, sino la propia realidad intramundana en cuanto poderosa y religiosa”. (MORENO, 2011, p. 42).

de realidade esse caráter universal e dominante que a realidade, enquanto tal, possui sobre ele e sobra todas as coisas reais”.¹⁴ Trata-se de uma experiência concreta que se dá no âmago do ser. Em sua máxima, “a religação é o vínculo com a realidade enquanto realidade para ser” (ZUBIRI *apud* RAMOS In: SECRETAN, 2014, p. 79), Zubiri, portanto, situa a religação anteriormente à religião. Na verdade, é a experiência concreta da religação que mais importa a Zubiri do que a religião. Neste sentido, tendo na religação uma condição humana individual, histórica e social, o poder do real é, sobretudo, o poder da religação. Aqui, apesar de Zubiri não seguir a direção de Mircea Eliade (e outros hermeneutas da religião, como Rudolf Otto e Paul Tillich), percebe-se o aspecto anterior e universal da disposição ao sagrado. Tanto ser esta a tese de Enzo Solari em seu livro *La raíz de lo sagrado: contribuciones de Zubiri a la filosofía de la religión*: a ideia de que o sagrado, antes de ser um elemento ao mesmo tempo fascinante e temeroso, como em Otto, ou ainda, irreduzível e autônomo, como em Eliade, o sagrado seria o *poder religante ao real* (Cf. SOLARI, 2010, p. 150, 152 e 169). Diante dessas intuições, a condição em torno do problema de Deus – e o poder religante ao real – interessa, a Zubiri, mais do que a organização e sistematização de uma religião em torno de suas crenças.¹⁵ A religação é uma atualização do ser na realidade (MORENO, 2011, pp. 45-47) e todas as demais perguntas e questões oriundas de um posicionamento religioso podem ser trabalhadas (ou preenchidas) orientando-se pela inquietação motivante da fundamentação original.

Entendemos que a filosofia da inteligência de Zubiri, ao lado de sua disposição para o divino, pressupõe mais perguntas didáticas acerca do tema da religação e de Deus do que respostas definitivas. Entretanto, convém apresentar uma das indicações de Zubiri acerca da religação para preparar o problema de Deus a fim de fundamentar as próprias questões: “a religação não é senão o caráter pessoal absoluto da realidade humana atualizado nos atos que executa” (ZUBIRI, 2010, p. 396). Em outras palavras, o ser humano, inserido na realidade absoluta e última, é dotado de inteligência e vontade, de

¹⁴ “en última instancia el hombre há tenido siempre como un poder de deidad ese carácter universal y dominante que la realidad en cuanto tal tiene sobre él y sobre todas las cosas que son reales”. (ZUBIRI, 1994, p. 43)

¹⁵ Em seu texto *Em torno do problema de Deus* (In: *Natureza, História, Deus*. São Paulo: É Realizações, 2010) Zubiri restringe a discussão na religação. Já no texto póstumo, *El problema filosófico de las historia de las religiones* (Madrid: Alianza Editorial, 1994) o tema da religação é pressuposto para os outros demais interesses avindos dele, como o Deus singular das religiões e suas representações.

modo que o ser está implantado no sujeito e este não olvido na existência. Há um projeto de realização engajado não apenas nas faculdades racionais e filosóficas, mas também religiosa na complexidade do viver e no compromisso de um viver. “A religação é então o fundamento de toda obrigação moral” (GRACIA In: SECRETAN, 2014, p. 30). Com esta atestação Diego Gracia intuiu a atualização da religação zubiriana para a *transcendência*. Segundo Juan Pablo Moreno, “a religação é uma atitude radical do homem diante da realidade das coisas, entretanto, não devido o seu caráter individual de ser, mas por seu fundo genérico de realidade, isto é, na medida em que a realidade é a estrutura transcendental”¹⁶. A atualização do real pela religação permite a Zubiri intuir a estrutura transcendental da realidade e, assim, apontar para o fundamento do ser para encontrar-se religado a tal fundamento. Trata-se, por fim, da máxima realidade, a realidade máxima, que é o poder do real na possibilidade de fazer-se a si-mesmo na religação.

A pessoa, aberta a conteúdos concretos a despeito de qualquer situação, religa-se à força do real como resolução da aleatoriedade das coisas, como princípio de um preenchimento total com conteúdos concretos, como realização de conteúdos morais concretos. Por isso, trata-se de uma obrigação moral consigo e o seu próprio fundamento existencial. O ser humano “é uma realidade moral porque precisa fazer-se a si mesmo” (CESCON, 2004, p. 281). Neste sentido, “o homem é religado porque sozinho, não só tem a força de existir, como também não a de realizar o próprio ser, de ser aquilo que é e que deve ser: uma pessoa” (CESCON, 2004, p. 261). Com este fundamento – e um apelo à moralidade e o ser da pessoa que filosofia – entendemos a reflexão zubiriana, deste modo, ao invés de contentar-se com um teísmo sofisticado, como abertura para a percepção de Deus pela inteligência senciente. Em outras palavras, se sentimento e entendimento não podem ser identificados, ambos não podem ser dissociados, afinal o sentimento e inteligência são dois momentos de um único ato de apreensão.¹⁷ Trata-se, portanto, de uma apreensão inteligível de Deus pelos sentidos dados na vivência da realidade. É nesta e por esta apreensão que o tema de Deus se faz mais do que presente.

¹⁶ “la religación es una actitud radical del hombre ante la realidad de las cosas, pero no en virtud de su carácter individual de ser tales cosas, sino por su genérico trasfondo de realidad, esto es, en cuanto la realidad es la estructura trascendental”. (MORENO, 2011, p. 66).

¹⁷ “El modo de sentir por el cual nos hacemos cargo de la realidad es intelectual, y la inteligencia es constitutivamente sentiente. Hay un acto único de sentir con un momento intrínseco inteligente o, lo que es lo mismo, hay un acto único de inteligir con un constitutivo momento sentiente.” (GARCÍA, 2006, p. 43).

IV. A questão soberanamente extemporânea: o problema de Deus

“O problema de Deus é, em um sentido, questão soberanamente extemporânea” (ZUBIRI, 2010, p. 385), declarou Zubiri na *Introdução ao Problema de Deus*. Com esta frase Zubiri abre o problema já pressupondo uma necessidade antropológica de Deus para além do tempo da tradição filosófica. Para nos mantermos nesta delimitação, pretendemos, ainda, recortar, em nossa pesquisa, a questão “o homem e Deus”, tendo em vista que, segundo Ignacio Ellacuría, tal tópico é ainda ampliado, em Zubiri, em três momentos: o homem e Deus, a história das religiões e o cristianismo como religião singular.¹⁸ Afinal, é a partir dos anos setenta (até os anos oitenta, a sua última fase filosófica) que Zubiri, em entrevista, considera aí “o período em que alcança a maturidade da abordagem do tema de Deus”¹⁹. E junto com esta abordagem, Zubiri atrela a ontologia da religião resgatando o poder do real para a busca por um fundamento existencial do indivíduo.²⁰

Segundo Zubiri, a filosofia da inteligência atualiza o real e o ser neste real – ou, se quisermos, uma ideia do real *além do ser*.²¹ Logo, a questão de Deus faz-se uma constante no pensamento humano. Não por acaso três grandes questões, segundo Everaldo Cescon, ao citar Ignacio Ellacuría, fundamentam a superação do subjetivismo antropológico de Zubiri (para além das perguntas kantianas do que se poder saber, fazer e esperar) (SOLARI, 2010, pp. 161-164): “Em que consiste inteligir? O que é a realidade? O que há acerca de Deus?” (CESCON, 2004, p. 258). Inteligir, grosso modo, seria a formalização da atualização do real enquanto real; realidade seria o lugar da operação entre inteligir e sentir; e Deus, de modo geral, o fundamento. Entretanto, ao tratar da realidade, mesmo diferenciando-se da tradição especulativa que caracterizou a filosofia da religião, Zubiri cuida para reservar ao problema de Deus um acesso diferenciado. A realidade de Deus distancia-se de todas as demais realidades e, ao mesmo tempo, é a mais

¹⁸ A distinção de Ellacuría é encontrada na apresentação de *El hombre y Dios*, Madrid: Alianza Editoria, SEP, 1984 (Cf. CESCON, 2004, p. 262)

¹⁹ Para mais informações a este respeito, cf. a detalhada e incansável pesquisa de Everaldo Cescon, sobretudo a nota 136, In: “Uma introdução ao pensamento filosófico-teológico de Xavier Zubiri (1898-1983), 2004, p. 262.

²⁰ “A filosofia religiosa se limita a examinar a religião do ponto de vista do ser” (ZUBIRI In: SECRETAN, 2014, p. 113).

²¹ Influenciado por Platão, “Zubiri sustenta uma ideia do real ‘além do ser’” (CESCON, 2004, p. 281).

próxima de todas as realidades. Há uma herança tomasiana no pensamento de Zubiri²² elaborado em *El hombre y Dios* Zubiri parte do princípio de que entre Deus e o ser humano há uma distinção real (ZUBIRI, 2012b, p. 354), sento o real o apoio existencial para a realização de Deus na vida humana. Segundo Enzo Solari, acerca da ordenação do real para a fundamentação da experiência com Deus,

Primeiro, a realidade é o apoio último porque ela é a última coisa: “Dizer que algo é real é a última e mais elementar afirmação que se pode fazer sobre este algo.” Segundo, a realidade é o suporte no qual é possível a realização da vida. Terceiro, a realidade é o apoio que impulsiona e impõe a realização. Devido estes três momentos, a realidade é o mais próprio do eu – porque por ela podemos fazer a figura do nosso ser - e, ao mesmo tempo, o mais diferente do que é – porque é o que nos faz ser.²³

A distância entre e a realidade de Deus e a do homem possibilita a realização enquanto ato de uma intenção “religacional” que acontece na tensão: a tensão se apresenta como a expressão humana e vivida da inquietude. Devido o tom ontológico do problema, partindo da realidade como apoio pulsante para o ser, ao invés de se apresentar como um problema científico, o problema de Deus é um problema intelectual, i.e., “o homem põe em jogo sua inteligência para conhecer o que as coisas são em sua realidade” (ZUBIRI, 2010, p. 387). Evita-se a redução do problema na investigação especulativa para abrir o tema aos fundamentos da existência e a constituição do eu diante da experiência manifesta. Alguns autores, como

²² Não trataremos diretamente de Tomás de Aquino – muitos trabalhos já elaboraram a influência e opção tomasiana de Zubiri, a saber, para citar dois, BELLO, Joathas Soares. “A religião do homem a Deus em Xavier Zubiri e Tomás de Aquino”. In: *Coletânea*. Rio de Janeiro, Ano XII, Fascículo 24, pp. 234-252 Jul./Dez. 2013; GÓMEZ, Juan Carlos Infante. *Zubiri y Tomás de Aquino en torno a la existencia de Dios*: contribuciones a la integración de las Quince vías y la vía de la religión. 312f. Tese de doutorado. Universidad Complutense de Madrid: Madrid, 2017. Atemo-nos na proposição da existência de Deus conhecida por si mesmo, realizado no poder do real, e o poder da atitude radical da atualização de Deus na tarefa filosófica de Zubiri.

²³ “Primero, la realidad es apoyo último, justamente porque es lo último que hay en las cosas: “decir de una cosa que es real es lo último y más elemental que se puede decir de ella”. Segundo, la realidad es apoyo que posibilita la realización de la vida. Tercero, la realidad es apoyo que impulsa e impone dicha realización. Por estos tres momentos, la realidad es lo más propio del yo –porque por ella podemos hacer la figura de nuestro ser– y, a la vez, lo más otro que é – porque ella es la que nos hace ser” (SOLARI, 2010, p. 165).

Antonio González e Everaldo Cescon, destacam o conhecimento da “trilogia teologal” para a compreensão e análise do pensamento zubiriano.²⁴ Nesta direção, José Luis Cabria Ortega sintetiza a filosofia da religião de Zubiri em três fases, a saber, a religação, a refração da religação na religião e o cristianismo, em sua singularidade, como religião de deificação. Interessa-nos, para o nosso recorte, a dialética entre *poder de realidade* e *poder de deidade*²⁵, que se dá na acepção geral da religião.

Fala-se, portanto, de um poder do real em diálogo com o poder de deidade para o radical da realidade. Tais poderes representam o solo primeiro da reflexão zubiriana a respeito da questão de Deus em contraponto com o idealismo alemão, a ciência positiva e o agnosticismo científico. Demonstrar Deus apenas como o Incognoscível seria, para a inteligência senciente, um prejuízo – e traição – da realidade, bem como a redução da questão a uma metafísica impediria a problematização de Deus pela realidade dotada de genuína inteligência. Zubiri ainda diferencia a força racional do caminho da especulação, de modo que o caminho levado a Deus pelo raciocínio não deveria ser identificado como o único caminho possível. Embora a antecipação intelectual para Deus é comum para qualquer teoria do problema, não se deveria, ao intérprete, reter os desdobramentos apenas numa única lógica racional. A razão especulativa na filosofia grega, as religiões de mistério (vias cosmológicas), os padres latinos na idade média – “nem sequer a especulação escolástica é exceção a isso” (ZUBIRI, 2010, p. 392) – a razão na filosofia moderna (vias antropológicas), teorias *interpretativas* em vez de se voltarem aos *factos*. Segundo Cescon, “o seu ponto de chegada não é Deus enquanto Deus, mas uma realidade-objeto, que diz respeito somente ao homem e não envolve formalmente uma referência ao resto do mundo” (CESCON, 2007, p. 114).

Zubiri ainda delimita mais ao tratar de Deus: “não de Deus em si mesmo, mas da possibilidade filosófica do *problema* de Deus” (ZUBIRI, 2010, p. 405). O que é mais original, aqui, é salientado por Cescon: “No que se refere a Deus, tudo inicia no fato imediatamente constatável da

²⁴ Para mais informações sobre a “trilogia teologia”, consultar: GONZÁLEZ, Antonio. *La novedad teológica de la filosofía de Zubiri*. Madrid: Fundación Xavier Zubiri, 1993; e também CESCON, Everaldo. “A “Trilogia Teologal” de Xavier Zubiri: contribuições e problemas abertos”, In: *The Xavier Zubiri Review*, Vol. 9, 2007, pp. 111-130.

²⁵ Para o recorte da religião no poder de deidade, cf. ORTEGA, José Luis Cabria. *Relacion Teologia Filosofia En El Pensamiento de Xavier Zubiri*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1997, pp. 254-257.

‘religação’, baseado na força de imposição das coisas. Tal fato nos propõe o ‘problema de Deus’” (CESCON, 2007, p. 124). Segundo Zubiri, o problema de Deus representa um *constitutivum formale* e, portanto, um *necessarium* do ser humano enquanto tal (ZUBIRI, 2010, p. 407). Reservamos temas como a historicidade das religiões, a intelecção da obra de Cristo, a teologia cristã, criação e encarnação, bem como revelação e dogma – temas abordados, em determinados momentos, por Zubiri – para lançarmos luz na possibilidade filosófica do problema de Deus como essa necessidade quase vital e formalmente constitutiva da existência. Pelo *a priori* da existência do mundo exterior Zubiri infere ser tal existência um fato dado à consciência. Assim sendo, a religação – “a religação é o elo com a realidade como realidade para ser”²⁶ – participa da exterioridade do mundo exterior *plasmando-se* em religião.²⁷ Eis a tese central de Zubiri na obra *El problema filosófico de la historia de las religiones*: a experiência teologal da humanidade formaliza – e objetiva – a religação no mundo exterior segundo os condicionamentos paradoxalmente necessários ao se plasmar enquanto religião (ZUBIRI, 1994, pp. 86-98). O cristianismo, devido a herança religiosa de Zubiri, prolonga o desenvolvimento da questão, sob elogios (como um exemplo de religião singular) bem como sob críticas (como a unilateridade da religião cristã). Ao invés de analisarmos tal opção, restringir-nos-emos no que tange a Deus: o sentimento como órgão primário para se chegar a Deus.

Ao falar de *sentimiento* é preciso retomar o projeto da inteligência senciente: a unidade estrutural entre inteligir e sentir. Ambos atos intencionais são correlatos e participam do “acontecer humano”. Independentemente das etapas de Zubiri no tema da religião²⁸, há um fundo que perpassa todo o seu pensamento a fim de manter-se fiel ao seu projeto de atualidade e realidade na tentativa de descrever o processo de inteligência e compreensão humano. Por isso que Zubiri conclui: “A questão acerca de Deus se retrotrai a uma questão acerca do homem” (ZUBIRI, 2010, p. 409). Trata-se de uma dimensão que perpassa toda a história da filosofia enquanto um *encontrar* e um *fazer* humano pela questão: “qual é a relação do homem com a totalidade de sua existência?” (ZUBIRI, 2010, p. 311) Diante desta relação da existência com a

²⁶ “la religación es la ligadura a la realidad en cuanto realidad para ser” (ZUBIRI, 1994, p. 40).

²⁷ Segundo Ignacio Ellacuría, a religação é a base da antropologia zubiriana. Cf. ELLACURÍA, Ignacio. “Religación, actitud radical del hombre. Apuntes para un estudio de la antropología de Zubiri”, In: *Asclepio*, 16, 1964, 97-155pp.

²⁸ Para uma descrição detalhada destas fazes cf. ORTEGA, Francisco. *La teología de Xavier Zubiri*. Huelva: Editora Andaluza, 2000.

totalidade, há uma série de insuficiências: insuficiências das vias cosmológicas de acesso a Deus e das vias antropológicas de acesso a Deus (CESCON, 2003, pp. 375-377), aparecendo, então, a *via da religação* para dar conta do caráter missivo e impulsionante da existência: “estamos obrigados a existir porque previamente estamos religados ao que nos faz existir. Esse vínculo ontológico do ser humano é ‘religação’” (ZUBIRI, 2010, p. 415). Existir é *existir com*, por isso, religar-se, e a religação pressupõe a deidade: “a deidade mostra-se-nos como simples correlato da religação; na religação somos ‘fundados’, e a deidade é o ‘fundante’ enquanto tal” (ZUBIRI, 2010, p. 418). Este percurso zubiriano sintetiza a inteligência senciante ao concluir ser Deus o fundamento da existência por conta da capacidade intelectual oriunda da própria questão de Deus: “‘movemo-nos, vivemos e somos n’Ele’. E esse ‘em’ [n] significa: 1. Estar religado. 2. Estar religado constitutivamente. Como problema, o problema de Deus é o problema da religação” (ZUBIRI, 2010, p. 419). Portanto, o problema da religação é, a nosso ver, o ponto alto da questão sobre Deus e, ao mesmo tempo, a contribuição original de Zubiri à filosofia da religião enquanto disciplina acadêmica.

Sintetizando, o problema da questão de Deus em Zubiri então se apresenta como um problema ontológico. Na “Introdução ao problema de Deus”, em *Natureza, História e Deus*, Zubiri parte do pressuposto de que “ninguém se oculta a gravidade suprema do problema de Deus”, concluindo: “por afirmações ou por negações, ou por positivas abstenções, a nossa época, querendo-o ou sem o querer, ou até querendo o contrário, é talvez uma das épocas que mais substancialmente vivam o problema de Deus” (ZUBIRI, 2010, p. 384). O problema de Deus não se restringe ao filosófico: alcança, inclusive, o nível léxico, psicológico e social em termos conceituais. A religação é um vínculo ontológico e possibilita a relação da pessoa com o seu fundamento.²⁹ Com essa herança, agora, podemos inferir um lugar original para Zubiri, pelo menos em diálogo, na filosofia da religião.

²⁹ “Zubiri plantea el tema de la “religación” como un vínculo ontológico a lo que nos hace ser. La religación, aparece así como un nuevo modo de hacer presente y válido el problema de Dios en el contexto del pensamiento actual y, desde el primer momento va a vertebrar todo su discurso acerca de Dios, convirtiéndose en principio hermenéutico para todo el problema. Y esto es así porque el problema de Dios está ya planteado en la constitutiva religación de la existencia humana, que es la dimensión previa a toda demostración racional de la existencia de Dios” (MORENO, 2011, pp. 44-45).

V. O lugar de Xavier Zubiri na Filosofia da Religião

A filosofia da religião, hoje, se compreendida como uma disciplina filosófica, pede por um método – a fenomenologia – e uma abordagem didática – a hermenêutica. Conforme vimos, Zubiri se distanciou da fenomenologia para aproximar-se daquilo por ele denominado de *filosofia da inteligência*.³⁰ Igualmente, ele não se inseriu na hermenêutica; pelo contrário, esse foi um dos motivos por distanciar-se progressivamente de Heidegger, ou seja, a forma com a qual Heidegger orientou suas reflexões na hermenêutica. Entretanto, mesmo deixando a fenomenologia num primeiro momento, há vantagens, a nosso ver, neste lugar chamado “hermenêutica”, cujo reconhecimento tem seu valor presente na tradição filosófica acerca do tema da religião, nas narrativas primordiais enquanto textos fundantes da humanidade, nas grandes questões guardadas pelas mitologias, no caráter linguístico de conceitos filosóficos não concebidos em termos de uma perspectiva poética, nas questões acerca da existência e do sagrado etc. Embora a filosofia de Zubiri não aponte diretamente à uma teoria da linguagem, estudo das grandes narrativas ou o caráter simbólico e metafórico na linguagem religiosa, tal lugar é uma opção, dentre tantas outras, das Ciências da Religião para a renovação deste campo de saber revisto pelo conceito da *religação*, propiciando releituras de características hermenêuticas. Inclusive, no próprio corpo de textos de Zubiri, retomando o projeto de Cescon, até mesmo para compreender-se a obra de Zubiri uma leitura hermenêutico-sintética faz-se necessária (CESCON, 2004, p. 241). Não pretendemos confrontar a filosofia zubiriana com a tradição hermenêutica: pretendemos estender a contribuição de Zubiri acerca da questão de Deus para a filosofia da religião de motivação hermenêutica. Afinal, quando se fala em filosofia da religião, suspeitas são levantadas pela tradição.

Os mestres da suspeita – K. Marx e a suspeita social, F. Nietzsche e a suspeita intelectual, S. Freud e a suspeita do indivíduo – tornaram o problema da religião ainda mais agudo na história do pensamento ocidental. A crítica da religião, afinal, muito dela, fora feita. Sem mencionar toda uma série de pensadores que se empenharam nesta crítica, como o desprezo de Marx em continuar tal tarefa, na sua referência a Feuerbach, sendo este um

³⁰ Sobre tal opção metodológica, sugere-se, além da própria trilogia senciente, o referencial RAMOS, Antonio Pintor. “Ni intelectualismo, ni sensismo: inteligencia sentiente”, In: *Cuadernos Salmantinos de Filosofía*. Universidad Pontificia de Salamanca, 1982, volume 9, 201-218pp.

exemplo ilustrativo de um tempo que ainda é o nosso (GROSS, 2010, p. 40). Na sequência, a abertura dolorosa do século XX pela declaração “Deus está morto” (Cf. aforismas § 108 e § 125, In: *A Gaia Ciência*), de Nietzsche. Tais questões, dentre outras, participam de um lugar comum na filosofia atual. Se o espaço para a filosofia da religião em si mesma já se percebe periclitante, segundo Eduardo Gross, quanto mais a consideração da questão da verdade no seu âmbito – e toda a tradição resultando do encontro da cultura helenista com o cristianismo – tornar-se-ia ainda mais complexa (GROSS, 2010, p. 42). Nesse sentido, só enquanto parte da tradição filosófica que forma a cultura ocidental, o estudo da filosofia da religião é uma necessidade (ZILLES, 1991, p. 45). A respeito desta necessidade, Zubiri declarou na abertura de *Natureza, História, Deus*: “Só agora, sem mundo nem Deus, o homem se vê obrigado a refazer o caminho da filosofia” (ZUBIRI, 2010, p. 66). O caminho não deve ser refeito pela razão, uma vez que, afastada de Deus e das coisas, de posse tão somente de si mesma, “a razão tem de achar em seu seio os móveis e os órgãos que lhe permitam chegar ao mundo e a Deus. Não o consegue” (ZUBIRI, 2010, p. 66), declara Zubiri, apontando em outra direção – a inteligência senciente – distante do idealismo e do panteísmo do século XIX.

Tendo a intenção de aprofundar a filosofia da religião pelo tema da questão de Deus, Xavier Zubiri apresenta-se como uma fonte original de procedimento para tais questões, resgatando alguns pressupostos importantes para a tarefa da filosofia da religião.³¹ O artigo *Uma Filosofia da Religião Cristã*³², de Antonio Pintor-Ramos, e o livro *La raíz de lo sagrado: contribuciones de Zubiri a la filosofía de la religión*, de Enzo Solari, introduzem – e antecipam – um lugar para Zubiri na filosofia da religião. Entretanto, a despeito de suas contribuições, vale-nos a virada crítica no autor. Enquanto filósofo da religião, Zubiri oferece o caminho: da fenomenologia para uma filosofia

³¹ Ainda assim é preciso dizer que, pelo teor do recorte, a extensão da filosofia do autor, evidentemente, não pôde ser completamente contemplada: há ainda temas como a religião no cristianismo, a questão de Cristo, a causalidade pessoal, a peculiaridade da presença de Deus, as coisas como presença de Deus, Deus como “quoad nos” (uma aliteridade constituinte), até mesmo os modos de experiência de Deus. Para esses assuntos, recomenda-se, além dos textos de Everaldo Cescon: ROVALETTI, María Lucrecia. “Man, experience of God: The problem of God in Xavier Zubiri”. In: *The Xavier Zubiri Review*, v.2, p. 65-78, 1999; SOLARI, Enzo. “La filosofía de la religión de Xavier Zubiri”, In: *Revista Agustiniiana XLII*, 128 (2001) 517-635pp.; TEIXEIRA, João António Pinheiro. “O acesso do homem a Deus em Xavier Zubiri”. In: *Didaskalia*. Lisboa. ISSN 0253-1674. 30:2 (2000) 149-191.

³² Cf. o texto de “Uma Filosofia da Religião Cristã”, de Antonio Pintor Ramos (In: SECRETAN, 2014, 77-107p).

da inteligência; a dimensão senciente da apreensão humana; a dimensão inteligente; o horizonte da realidade; operações de transcendência e atualização do real. Neste percurso surgem os níveis do problema de Deus abertos pela religião: “pela religião é, pois, possível e necessário, a um só tempo, formular o problema intelectual de Deus” (ZUBIRI, 2010, p. 428). Trata-se de um problema antigo ao mesmo tempo ostentando certa autenticidade, uma vez que, para Zubiri, a filosofia da religião, pensada com a inteligência senciente, não se encontraria num campo particular da filosofia, como ocorreria em tantos outros (como, e.g., na filosofia política, na filosofia da arte ou na filosofia da mente) para a reflexão acerca de Deus. A filosofia da religião pertenceria ao próprio âmago da filosofia. Não é à toa que Aristóteles denominou a metafísica de teologia, i.e., a teologia como a primeira filosofia. O objeto da filosofia da religião reclama centralidade, tanto em sentido cósmico quanto existencial.³³ Evidentemente a filosofia da religião faz parte de um segmento particular da filosofia. Entretanto, a centralidade – e a particularidade – deve ser considerada enquanto problema a partir do qual a atual marginalidade da mesma pode ser compreendida. “O problema”, segundo Antonio Pintor-Ramos, é “encontrar o caminho que permita, em seguida, realizar a exigência de transcendentalidade” (RAMOS In: SECRETAN, 2014, p. 79). Zubiri diferencia-se do caminho da filosofia moderna, fundamentalmente, em contraposição à filosofia na qual a reflexão sobre a religião possuía destaque. O início da modernidade se caracteriza por demasiados temas esvaziados na filosofia da religião – no sentido de que se percebia a necessidade de superar a forma anterior de refletir sobre ela – enquanto Zubiri busca o “razoável” da religião: alguns aspectos racionais na religião evitando “toda identificação entre o tema da religião e a teoria da racionalidade” (RAMOS In: SECRETAN, 2014, p. 83). Afinal, o que interessa a Zubiri é trabalhar o poder do real além do poder racional, encontrando na estrutura da religião o fundamento real de cada indivíduo a despeito de qualquer movimento filosófico, racionalista ou fenomenológico. Aqui surge um lugar para Xavier Zubiri, ao lado de outros hermeneutas que encontraram na religião o espaço original de conhecimento e reconhecimento sensível da vida.

³³ Neste sentido alguns autores, como Paul Tillich, não fizeram questão de distinguir o filosófico do teológico em seus trabalhos. Rudolf Otto, no prefácio de *O Sagrado*, pressupõe a experiência religiosa do leitor julgando que tal experiência poderá oferecer ao leitor uma melhor apropriação dos conteúdos. Mircea Eliade organizou seu trabalho filosófico em torno da religião de modo que um não poderia ser elaborado sem o outro.

Dentre outras considerações possíveis para o problema de Deus – além da religião – e um fazer filosófico da religião atual, podemos reter algumas contribuições de Zubiri, a saber: *a tarefa filosófica para evitar convicções*. “Porque não se trata de dar forma intelectual às convicções, e sim de chegar a uma intelecção convincente” (ZUBIRI, 2010, p. 385). Na sequência, Zubiri comenta sobre a religiosidade vaporosa – que se perde na via da religião positiva contente com as próprias convicções – e o perigo de se viver, em última instância, uma religiosidade sem sentido nem fundamento. Ainda assim, o próprio Zubiri, a nosso ver, sofre de uma convicção: dentre os aspectos críticos, há, para Zubiri, a *constatação*³⁴ de um sistema que necessariamente levaria o ser humano para o divino. Se por um lado Zubiri pretende uma universalidade da religião, dando voz à todas religiões por meio de seu sistema filosófico, mesmo esquivando-se elegantemente da conceituação ou da tentativa das provas para a existência de Deus, talvez o problema da convicção reside justamente na *constatação*. A preferência por um termo mais suave, como a *pressuposição* de Deus pela deidade, poderia abrir ainda mais o caminho do humano ao divino. Deus (ou o caminho a Deus) não se constata: é pressuposto. A pressuposição abre a deidade ao invés de fixá-la em detrimento de outras abordagens filosóficas. Ainda assim, há uma motivação sensível de um movimento de pensamento propício para o estudo rigoroso da religião, i.e., não dogmático, não confessional, interessado pelo fenômeno religioso em sua característica mais própria, necessário, conforme indicado, para a continuidade do estudo da filosofia da religião cuja contribuição zubiriana é desejada. Percebemos, para efeito de diálogo com a área das Ciências da Religião, uma semelhança do trajeto zubiriano com o projeto de Paul Ricoeur: ambos preservaram ao longo de suas carreiras o tema da religião – e de Deus – indiretamente, por intermédio de análises fora de ambientes filosóficos. Ricoeur lecionou voluntariamente, por mais de uma década, no *L'Institut Protestant de Théologie de Paris*³⁵, ao passo que Zubiri tratou dos temas de Deus oralmente, baseado em anotações, em palestras e entrevistas (muitas registradas e preservadas na *Fundación Xavier Zubiri*). Dois filósofos cristãos

³⁴ “Porque lo que estoy describiendo no es una teoría de Dios, ni una fundamentación; es pura y simplemente la constatación – el hecho inconcuso – de que em el hombre acontece, en esta forma de poder, el poder de la realidad, la deidad.” (ZUBIRI, 1994, p. 44).

³⁵ Não por acaso o *Fonds Ricoeur* – “Fundo/Fundação Ricoeur”, órgão mais completo com livros de Ricoeur e sobre Ricoeur, bem como a biblioteca pessoal do filósofo – encontra-se abrigado nas dependências do *L'Institut Protestant de Théologie*, 83, Boulevard Arago, 75014, Paris, França; um misto de gratidão com missão para com o trabalho de Ricoeur.

que, em última instância, não procuraram fazer filosofia cristã: procuraram preservar os domínios de cada campo do saber. Em um há uma dobra³⁶; em outro há a religação. Ambos colocaram na religião uma densidade ontológica para além daquilo que a filosofia poderia resolver. Segundo Zubiri, “a filosofia da religião deve fornecer algo como as categorias ontológicas da realidade religiosa” (ZUBIRI In: SECRETAN, 2014, p. 117). Restou a última intuição zubiriana: “a religião é uma forma do ser humano” (ZUBIRI In: SECRETAN, 2014, p. 117) e esta forma apresenta características próprias: ela é pessoal e coletiva, temporal e histórica, altera e austera diante do ser supremo, profunda e radical. Desta forma, a verdade filosófica, diferenciando-se da verdade científica, permite, segundo Zubiri, “perguntar igualmente em que consiste especificamente uma verdade religiosa” (ZUBIRI In: SECRETAN, 2014, p. 119). Assim sendo, a questão do problema de Deus é a nossa questão primeira, profunda e fundamental.

Além das propostas apresentadas, por fim, além dos temas mais originais – como o Deus *senciente* e a realidade da religião como religação – é a conjugação e articulação dos momentos analítico e sintético no filosofar sobre o sagrado que resta. A motivação de uma analítica, acompanhando Zubiri, “não se trata de pensar *sobre* uma situação religiosa, mas *a partir de* uma situação religiosa” (ZUBIRI *apud* RAMOS In: SECRETAN, 2014, p. 87). Os momentos de situação religiosa representam, a seu modo, pela hierofania, um pouco da dinâmica da retenção e protensão husserliana, uma vez que ambos atos intencionais se caracterizam por um processo unificado de saber: a experiência religiosa é um tipo de conhecimento e sabedoria da vida, sensibilizada e constituída pela manifestação do sagrado. O sujeito religioso, o *homo religiosus*, resiste à tentação atual que se esquia do problema de Deus ao afirmar que tal problema não existe. Segundo Zubiri, “a prova não é tanto que Deus existe, mas que alguma coisa que existe é realmente Deus” (ZUBIRI, 2012b, p. 230). Esse Deus é um *inteiramente outro*, a transcendência, a antecipação e apreensão, a protensão e a retenção, de uma existência motivada pelas questões de fundo, fundantes e fundamentais. A religação, novamente, a religação é a atualização de todo o ser e, por ela, prolonga-se a vida em direção a muitos outros sentidos possíveis. Tal é o interesse genuíno da filosofia da religião e o interesse deste estudo para a área das Ciências da Religião.

³⁶ Sobre esse assunto, cf. *A dobra da religião em Paul Ricoeur*, de Vitor Chaves de Souza.

Considerações Finais

O lugar de Zubiri, portanto, na Filosofia da Religião, vai além dos textos consagrados pela tradição levantando novas questões a partir de uma concepção do divino enquanto a religação primordial do ser humano ao seu poder de realidade (ZUBIRI, 2012b, p. 44). “Ninguém se oculta da gravidade suprema do problema de Deus” (ZUBIRI, 2010, p. 383). Com esta frase Xavier Zubiri abriu a seção dedicada ao tema da religião em seu primeiro livro – e, segundo alguns, mais genial obra (TEJADA, 2011, p. XIX). Em sua intelecção, o homem chega, portanto, a Deus como fundamento do poder de realidade. Segundo Enzo Solari, Zubiri pretendeu sintetizar, a rigor, os problemas filosóficos no problema de Deus (SOLARI, 2001, 517-635pp). Compreender tal problema ajuda a compreender a sua filosofia.

Dito isto, Deus não se apresentaria como um objeto qualquer ou como uma entidade desvinculada do mundo. Deus é intramundano, pois, para Zubiri, Deus se manifesta como um *fundamento de realidade* presente nas coisas reais, não se reduzindo a nenhuma destas coisas. O que isso significa ao final? Independentemente se Deus apresentou-se ao filósofo, se Deus se fez presente na mais elevada filosofia da inteligência, se Deus foi acessível pelos sentidos primeiros, há, no fundo, uma disposição universal para a religação do fundamento e das coisas fundamentais na existência singular. Seria, portanto, a religação um anseio natural pela *presença*? A ausência de uma presença fundamental na realidade implicaria na disposição intencional para uma religação capaz de possibilitar a constituição humana – e desta constituição, quem sabe, um ser se faria presente.

Referências

- ALMEIDA, Custódio; OLIVEIRA, Manfredo. **Deus dos filósofos modernos**. São Paulo: Vozes, 2002.
- BELLO, Joathas Soares. **Deus, experiência do homem em Xavier Zubiri**. Rio de Janeiro, 2005. 108p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz de Castilho Fernandes.
- BELLO, Joathas Soares. “A religação do homem a Deus em Xavier Zubiri e Tomás de Aquino”. In: **Coletânea**. Rio de Janeiro, Ano XII, Fascículo 24, pp. 234-252 Jul./Dez. 2013.
- CAMBRES, Gregorio Gómez. **Imanencia y transcendencia en la realidad según Xavier Zubiri: El problema de la realidad personal**. Tese de Doutorado. Málaga: Universidad de Málaga, 1981.
- CAMBRES, Gregorio Gómez. Zubiri: **El realismo transcendental**. Málaga: Editorial Ágora, 1991.

CAMBRES, Gregorio Gómez. **Zubiri y Dios**. Málaga: Ediciones Edinford, 1993.

CESCON, Everaldo. “A “Trilogia Teologal” de Xavier Zubiri: contribuições e problemas abertos”, In: **The Xavier Zubiri Review** , Vol. 9, 2007, pp. 111-130.

CESCON, Everaldo. “O problema de Deus e do seu acesso e a experiência de Deus”. In: Teología y Vida, Vol. XLIV (2003), pp. 373-394.

CESCON, Everaldo. “Uma introdução ao pensamento filosófico-teológico de Xavier Zubiri (1898-1983)”. In: Síntese – **Rev. de Filosofia**. Belo Horizonte, v. 31, n. 100, 2004, pp. 239-282.

CONILL SANCHO, J., “La transformación de la fenomenología en Ortega y Zubiri: La posmodernidad metafísica”, In: SAN MARTÍN, J. (Ed.), Ortega y la Fenomenología (**Actas de la I Semana Española de Fenomenología**). UNED, Madrid, 1992, págs. 297-312.

CRUZ, Jesús Sáez. **La accesibilidad de Dios**: Su mundanidad y transcendencia en Xavier Zubiri. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 1995.

DIMAS, Samuel Fernando Rodrigues. “A ação criadora de Deus na filosofia teológica de Xavier Zubiri”. In: **Cauriensia**, Vol. X (2015), pp. 489-505.

FOWLER, Thomas B. “Introduction to the philosophy of Xavier Zubiri”. In: **The Xavier Zubiri Review**, v.1, p. 05-16, 1998.

GARCÍA, Juan José. Inteligencia sentiente, reidad, Dios: nociones fundamentales en la filosofía de Zubiri. **Cuadernos de pensamiento español**, nº 30, 2006.

GRACIA, Diego. **Voluntad de verdad**: para leer a Zubiri. Madrid: Tricastela, 2008.

GÓMEZ, Juan Carlos Infante. **Zubiri y Tomás de Aquino en torno a la existencia de Dios: contribuciones a la integración de las Quinque viae y la vía de la religación**. 312f. Tese de doutorado. Universidad Complutense de Madrid: Madrid, 2017. Orientador: Rogelio Rovira Madrid.

GONZÁLEZ, Antonio. **La novedad teológica de la filosofía de Zubiri**. Madrid: Fundación Xavier Zubiri, 1993.

GROSS, Eduardo. “O caráter hermenêutico da filosofia da religião”. In: PLURA, **Revista de Estudos de Religião**, vol.1, nº 1, 2010.

HUSSERL, Edmund. “Philosophy as Rigorous Science”, In: **Phenomenology and the Crisis of Philosophy**. New York: Harper Torchbooks, 1965.

IGLESIAS, Fernando Llenin. **La realidad divina**: El problema de Dios em Xavier Zubiri. Oviedo: Publicaciones Studium Ovetense, 1990.

LACILLA RAMAS, Maria Fernanda. **La respectividad em Zubiri**. Tese doutoral. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1990.

LIEBANAS, Ramón Mantínez de Pison. **La religación como fundamento de la cuestión de Dios en Xavier Zubiri**. Tese de Licenciatura. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1981.

LINARES, Pedro Antonio Reyes. “El papel de la imaginación en el conocimiento de Dios”. In: **The Xavier Zubiri Review**, v.4, p. 133-146, 2002.

MILLÁS, José. **La realidad de Dios**: Su justificación y sentido em Xavier Zubiri y Javier Monserrat. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2004.

MORENO, Juan Pablo Nieva. “El acceso del hombre a Dios en Zubiri: la vía de la religación”, In: **Enfoques XIII**, 2 (Primavera 2011), 41-67pp.

MORENO, Juan Pablo Moreno. **La marcha del hombre a Dios en Zubiri**: La vía de la Religación. Saarbrücken: Editorial Académica Española, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NUNES, Antonio Vidal. “O Homem, deidade e Deus no pensamento de Xavier Zubiri: uma reflexão inicial”. In: **Sofia**. Vitória (ES), vol. 2, n. 2, pp. 88-103, Dezembro 2013.

ORTEGA, Francisco. **La teología de Xavier Zubiri**. Huelva: Editora Andaluza, 2000.

ORTEGA, José Luis Cabria. **Relacion Teología Filosofia En El Pensamiento de Xavier Zubiri**. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1997.

PLADEVAL, Mercedes Vilá. **Las dimensiones de lo interhumano en la antropología de Xavier Zubiri consideradas en su apertura a la transcendencia**. Tese Doctoral. Roma: Pontificia Universitas Lateranensis, 1998.

RAMOS, Antonio Pintor. “Uma Filosofia da Religião Cristã”, In: SECRETAN, Philibert (Org.). **Introdução ao Pensamento de Xavier Zubiri (1898-1983)** - Por uma filosofia da realidade. São Paulo: É Realizações, 2014.

ROVALETTI, María Lucrecia. **La dimensión teologal del hombre**: Apuntes en torno al tema de la religación en Xavier Zubiri. Buenos Aires: EUDEBA, 1979.

ROVALETTI, María Lucrecia. “Man, experience of God: The problem of God in Xavier Zubiri”. In: **The Xavier Zubiri Review**, v.2, p. 65-78, 1999.

SANTAMARTA, Ceferino Martinez. **El hombre y Dios en Xavier Zubiri**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1981.

SAVIGNANO, Armando. “La dimensión teologal del hombre en Xavier Zubiri”. In: **The Xavier Zubiri Review**, Vol. 8, 2006, pp. 5-16.

SECRETAN, Philibert (Org.). **Introdução ao Pensamento de Xavier Zubiri (1898-1983)** - Por uma filosofia da realidade. São Paulo: É Realizações, 2014.

SOLARI, Enzo. “La filosofía de la religión de Xavier Zubiri”, In: **Revista Agustiniana XLII**, 128, 2001, 517-635pp.

SOLARI, Enzo. **La raíz de lo sagrado**: contribuciones de Zubiri a la filosofía de la religión. Santiago: RIL editores, 2010.

SOUZA, Vitor Chaves. **A dobra da religião em Paul Ricoeur**. São Paulo: Kapenke, 2018.

TOMÉ, Adelson Pereira. **A relação entre Deus e o homem em Xavier Zubiri**. 103f. 2007. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orientação: Prof. Dr. Urbano Zilles.

TEIXEIRA, João António Pinheiro. **A Finitude do Infinito**. O Itinerário Teologal do Homem em Xavier Zubiri. Lisboa: Universidade Católica, 2007.

TEIXEIRA, João António Pinheiro. “O acesso do homem a Deus em Xavier Zubiri”. In: **Didaskalia**. Lisboa. ISSN 0253-1674. 30:2, 2000, 149-191p.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. São Paulo: Paulus, 1991.

ZUBIRI, Carmem Castro. **Biografia de Xavier Zubiri**. Málaga: Ediciones Edinford, 1992.

ZUBIRI, Xavier. **Cinco Lições de Filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2012a.

ZUBIRI, Xavier. “El hombre, realidad personal”. In: **Revista de Occidente**, Madrid: Fundación José Ortega y Gasset-Gregorio, n.1, pp. 05-29, 1963.

ZUBIRI, Xavier. **El hombre y Dios**. Nueva edición: Alianza Editorial, Madrid, 2012b.

ZUBIRI, Xavier. “El origen del hombre”. In: **Revista de Occidente**, Madrid: Fundación José Ortega y Gasset-Gregorio, n.17, pp. 146-173, 1964.

ZUBIRI, Xavier. **El problema filosófico de la historia de las religiones**. Madri: Alianza Editorial, 1994.

ZUBIRI, Xavier. **El problema teológico del hombre: cristianismo**. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

ZUBIRI, Xavier. **En torno al problema de Dios** (Opuscula philosophica nº 59). Madrid: Ediciones Encuentro, 2016.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e Logos**. São Paulo: É Realizações, 2011a.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e Razão**. São Paulo: É Realizações, 2011b.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e Realidade**. São Paulo: É Realizações, 2011c.

ZUBIRI, Xavier. “La dimensión histórica del ser humano”. In: *Realitas*, v. I, 1972-1973, pp. 11-69, 1973.

ZUBIRI, Xavier. **Man and God**. Maryland: University Press Of America, 2009.

ZUBIRI, Xavier. “Notas sobre la inteligencia humana.” In: **Asclepio**, Archivo Iberoamericano de Historia de la Medicina y antropología Médica, v. XVIII-XIX, pp. 341-353, 1966-67.

Submetido em: 5-6-2020

Aceito em: 19-7-2020